

## A Natureza da Inferência ao Design e o Status Epistêmico do Design Inteligente

---

Pode um cientista, ao investigar certos fenômenos, concluir que foi projetado, ou seja, que é um resultado da atividade intencional de um ser inteligente? É assim que Dariusz Sagan começa seu artigo onde avalia ["A Natureza da Inferência ao Design e o Status Epistêmico do Design Inteligente"](#). Em seguida, ele mesmo responde:

De um ponto de vista, a resposta a essa pergunta parece ser trivialmente fácil. Afinal, é o "pão e a manteiga" de alguns cientistas - por exemplo, arqueólogos ou cientistas forenses - para investigar fenômenos reconhecidos por eles como projetados. Às vezes acontece que, em casos problemáticos, esses especialistas precisam decidir se um fenômeno em questão é o resultado de uma agência inteligente.

Dariusz divide a crítica ao Design em dois grupos:

A grande maioria dos cientistas e vários filósofos da ciência afirmam que, em tais casos, a detecção de desenhos usando métodos científicos **é muito limitada ou impossível**. (...) Há duas razões em que tais cientistas e filósofos rejeitam o Criacionismo e o Design Inteligente. O primeiro é empírico: afirma-se que **os dados** empíricos atualmente disponíveis **falsificam esses conceitos**. O segundo é metodológico, com alegações de que esses conceitos **não são científicos**, sugerindo que eles **devem ser ignorados** pelos cientistas em suas pesquisas.

Ele elenca 6 pontos principais contra o Design Inteligente:

Os críticos tentam mostrar que o Design Inteligente: 1) viola o princípio do naturalismo metodológico (e, portanto, é um conceito religioso sobrenatural); 2) é empiricamente não testável; 3) não invoca as leis da natureza, não diz nada sobre os mecanismos de design e implementação de design; 4) não faz previsões; 5) é um argumento da ignorância, e 6) não leva a um programa de pesquisa frutífero e, portanto, não é útil em termos científicos

As respostas que ele encontra são favoráveis ao Design Inteligente, a começar pelo espantalho clássico que põe objeção à inferência ao design com uma suposta premissa inexistente:

### 1) Uma violação do princípio do naturalismo metodológico?

A objeção discutida **pressupõe** que os proponentes do DI identificam o **projetista postulado** com um ser **sobrenatural**, ou mais precisamente - com Deus. Essa **suposição**, no entanto, é contrária às alegações dos teóricos de design que, apesar da razão para acreditar que a hipótese do design está correta, a evidência disponível é **inconclusiva** em termos de determinar quem é o projetista.

O segundo ponto é a testabilidade e ele configura o Design Inteligente como [Ciência Histórica](#), que infere as causas pelos efeitos. O Realismo Científico, responsável pelo sucesso da Ciência, se apoia continuamente em observação indireta. Ele cita as outras teorias que usam o mesmo raciocínio:

### 2) Não testável

Quando se trata da **possibilidade de verificação**, o Design Inteligente encontra-se em uma posição similar às teorias de origem, incluindo a teoria do Big Bang e a teoria da evolução que são comumente reconhecidas como científicas. Não temos **acesso direto** nem ao Big Bang nem à evolução dos organismos na Terra. Obviamente, é impossível testar tais processos em condições de laboratório: **são os efeitos supostos que são considerados evidências de sua ocorrência**. Isso inclui a radiação cósmica de fundo de microondas ou o desvio para o vermelho galáctico, no caso do Big Bang; fósseis, órgãos rudimentares ou similaridades anatômicas e moleculares entre organismos, no caso da evolução. A interferência do projetista inteligente (mesmo sobrenatural) **também será inferida indiretamente**: o que conta como evidência nesse caso são os traços

característicos (como Complexidade Irreduzível ou Complexidade Especificada) encontrados na natureza. (...) O Design Inteligente também pode ser falseado se mostrando que os objetos indicados pelos teóricos do design não possuem as características que servem como critérios de design, mas isso não significa necessariamente que os critérios em si são inválidos, mas apenas mostram que estes foram aplicados de forma inadequada.

Agora, no terceiro ponto, um conjunto de afirmações.

### **3) Não invocar as leis da natureza, nenhum conhecimento sobre a natureza do designer e os mecanismos de implementação de design**

O Design Inteligente, como uma teoria da detecção de design, diz como o design pode ser detectado empiricamente, não qual foi a história detalhada de sua origem. Se a detecção de projeto exigisse a especificação do mecanismo de implementação do projeto, a objeção da falta de uma descrição detalhada de tal mecanismo permaneceria firme. Se, no entanto, fornecer o mecanismo não for a condição necessária para a detecção do projeto, então tudo o que se pode fazer é admitir que essa objeção é direcionada a algo que vai além da abrangência proposta pelo Design Inteligente. Explicações dentro do darwinismo ou outras teorias naturalistas são simplesmente de caráter diferente das explicações propostas no Design Inteligente. Pode-se dizer que essas teorias são incomensuráveis ??em alguns aspectos, semelhante aos paradigmas *kuhnianos*. Isso não significa que os teóricos do design não pudessem lidar com os problemas dos mecanismos de implementação do design, a natureza do designer ou o caráter da causalidade inteligente em geral, se assim o desejassem. O ponto é que esta questão não tem impacto em termos da validade do Design Inteligente como proposto pelos teóricos do Design e é, no máximo, um acréscimo ao argumento mais fundamental sobre a possibilidade de detecção de design dentro da ciência e a escolha do método de detecção de design.

O quarto ponto ele aborda a suposta ausência de previsões. Elas existem, mas ele coloca o Design em uma posição que dispensa previsões:

#### 4) Ausência de previsões

... ter critérios de design confiáveis elimina evidentemente a necessidade de previsões positivas. Se estamos cientes de quais características estão relacionadas ao design, podemos reconhecer o design simplesmente quando nos deparamos com algo que exhibe tais características, sem fazer previsões com relação a quando e onde isso acontecerá. De fato, os humanos fazem isso todos os dias quando confrontados com a tarefa de discriminar objetos naturais com os artefatos.

O quinto ponto é um dos mais alegados pelos ativistas anti-Design:

#### 5) Argumento da ignorância

... os teóricos do design também falam sobre **o elemento positivo da inferência de design**, que deve ser um padrão indicando uma causa inteligente. Tais padrões devem ser identificados com base no conhecimento dos efeitos da atividade humana e aplicados a efeitos similares da atividade intencional pretendida de outros possíveis seres inteligentes. (...) Pode-se duvidar, é claro, se os padrões propostos pelos teóricos do design são sinais adequados de atividade inteligente, mesmo no caso de humanos, mas **a alegação de que o Design Inteligente meramente aplica o argumento da ignorância simplesmente não é verdadeira.**

E, por último:

#### 6) Nenhum programa de pesquisa produtivo

A alegação de que o Design Inteligente é incapaz de inspirar qualquer pesquisa parece ser exagerada. No entanto, é preciso admitir que os teóricos do design, na maioria das vezes, não estão envolvidos na atividade de pesquisa original por conta própria e usam predominantemente os resultados de pesquisas de cientistas que não são os proponentes do DI. (...) A impossibilidade discutida de conduzir pesquisas adicionais não influencia de forma alguma a validade da inferência de design. Um requisito estrito, declarando que as

teorias científicas devem ser frutíferas, nesse sentido ameaçaria todas essas áreas, onde se pode, com um alto grau de certeza, afirmar que um certo evento ocorreu, mas não muito mais.

## Conclusões

A conclusão do artigo é óbvia, o que tem sido repetidamente exposto sobre o assunto:

O artigo argumentou que as objeções metodológicas mais comuns ao Design Inteligente, supostamente provando seu caráter não científico, **são enfraquecidas ou refutadas se aceitarmos o método de detecção de projeto proposto no Design Inteligente**. De acordo com este método, o conhecimento **dos efeitos distintivos da atividade intencional de seres inteligentes é a base suficiente para inferir o design**, enquanto o conhecimento mais profundo da natureza do designer, motivos, propósitos ou formas de operação é considerado desnecessário.

À luz do argumento do método de detecção de projeto, as objeções metodológicas mais importantes à ID não excluem o Design Inteligente como uma teoria científica. O método de inferência ao design proposto pelo Design Inteligente acaba por ser principalmente similar aos métodos de inferência ao design aplicados em disciplinas consideradas científicas.

Ele ainda, não intencionalmente, faz a validação da **Teologia Natural**, suprimida por uma avalanche de falácias desde o Século XIX. Como eu já disse em um pequeno texto, para inferir o produto de ação inteligente (design) a naturalidade ou sobrenaturalidade é irrelevante:

Mesmo se os teóricos do design tivessem invocado explicitamente a atividade de um ser sobrenatural, a detecção do design de tal ser **não difere** substancialmente do projeto de detecção dos seres naturais. Assim, é difícil falar sobre a diferença qualitativa entre esses dois procedimentos e ambos podem ser considerados potencialmente científicos.

Isso acontece porque a teoria é voltada aos efeitos da inteligência: o design.

---

SAGAN, Dariusz. [The Nature of Design Inference and the Epistemic Status of Intelligent Design](#).  
International Philosophical Quarterly, 2018.

**Observação:** Dariusz Sagan não pertence ao Movimento do Design Inteligente.